

A concepção predominante no campo da Psicologia acerca da adolescência é atravessada pela universalização e patologização dessa fase da vida, tida como naturalmente turbulenta e caracterizada por crises e desequilíbrios atribuídos ao funcionamento psíquico dos adolescentes.

A necessidade de se superar essa visão naturalizante, bem como de se atentar para a dimensão social e histórica da adolescência, consiste em um dos aspectos centrais deste livro, em que se apresenta a versão de jovens alunos de classes populares sobre sua experiência escolar.

A relevância deste livro consiste na articulação entre adolescência e escolarização, tema pouco desenvolvido na área de Psicologia Escolar, bem como no questionamento da concepção hegemônica no campo da Psicologia sobre a adolescência, a partir de uma perspectiva crítica em que se enfatiza a constituição social e histórica dos fenômenos, em oposição à sua naturalização.

Adolescência E ESCOLARIZAÇÃO

numa Perspectiva Crítica em Psicologia Escolar

Ana Karina Amorim Checchia

ALUS - Acervo - FE



20500080469

X



73029

Caminhos Percorridos pela Pesquisa

Apontamentos sobre o método utilizado

Neste capítulo, serão apresentados os participantes, a trajetória do trabalho de campo e o procedimento utilizado na pesquisa que originou este livro.

A princípio, é importante ressaltar que, no período em que foi realizado o trabalho de campo (segundo semestre de 2004), o objetivo da pesquisa consistia em “investigar concepções de jovens alunos e educadores (da oitava série em uma escola da Rede Estadual de São Paulo) acerca do fenômeno da adolescência, visando atentar a suas possíveis implicações para o processo de escolarização”.⁴⁶

No entanto, diante da necessidade de uma maior delimitação do foco da pesquisa, o objetivo passou a corresponder à *investigação da versão desses jovens alunos sobre a experiência escolar na adolescência*. Desse modo, buscou-se observar o que esses estudantes têm a dizer sobre a condição de alunos adolescentes; a relação entre estes e os demais participantes do processo educacional; a vivência do dia a dia escolar e a qualidade do ensino.

Outro aspecto a ser apontado consiste no fato de que, na pesquisa em questão foi utilizada uma abordagem qualitativa de estudo de caso, a fim de permitir o estudo aprofundado de uma unidade em sua complexidade e

46. Deve-se ressaltar que um dos temas estudados ao longo do período de elaboração e aperfeiçoamento do projeto inicial de pesquisa foi a relação entre adolescência e o processo de escolarização no Ensino Médio. Um importante trabalho que contribui para a reflexão acerca desse tema se intitula *Ensino médio: múltiplas vozes*, publicado em 2003.

em seu dinamismo próprio (André, 1995, p. 49). A esse respeito, Yin (2001, p. 19; 21) acrescenta que o estudo de caso deve ser adotado quando se busca investigar fenômenos sociais complexos [...] e contemporâneos inseridos em algum contexto da vida real.

Assim, ao utilizar o estudo de caso como método de investigação, procurou-se atentar para a relação entre fenômenos complexos e contemporâneos, ou seja, adolescência e escolarização e apreender, com base na versão de um grupo de jovens, elementos que compõem a experiência escolar de alunos de classes populares, na adolescência.

Participantes

Os participantes da pesquisa foram oito adolescentes (quatro moças e quatro rapazes) de classes populares, na faixa etária entre 14 e 16 anos, estudantes da oitava série do Ensino Fundamental de uma escola da Rede Estadual de São Paulo. O critério para seleção dos alunos será explicitado no próximo tópico e seus nomes (bem como o da escola e dos demais participantes do contexto escolar) foram alterados pela pesquisadora e utilizados nomes fictícios.

Trajatória do trabalho de campo

O trabalho de campo foi realizado durante o segundo semestre de 2004, nos meses de setembro a dezembro, em uma escola estadual localizada em um bairro periférico da cidade de São Paulo, onde se encontra uma favela ao lado de um centro comercial. Essa escola, que será nomeada neste livro como E.E. Clodomiro Martins, abrange o Ciclo II do Ensino Fundamental (quinta a oitava série – as aulas são ministradas para sétima e oitava séries no período da manhã e quinta e sexta séries à tarde) e Educação de Jovens e Adultos (à noite).

De acordo com o “Plano de Gestão Quadrienal 2003/2006” da escola, esta atende a uma clientela de aproximadamente 1.300 jovens e adultos, cuja situação econômica é apontada como “de classe média baixa ou pobre”.⁴⁷

47. A situação de pertencem às classes populares também é abordada pelos jovens alunos (participantes da pesquisa) ao levantarem essa questão em distintos momentos do seu discurso.

Meu primeiro contato com essa escola consistiu em uma visita na qual apresentei a proposta da pesquisa para a coordenadora pedagógica (Simone) e para a diretora (Tereza); ambas me acolheram muito bem e demonstraram interesse pelo tema em questão, com grande disponibilidade para me auxiliar quando necessário – atitudes que permaneceram durante todo o processo do trabalho de campo.⁴⁸ Em tal conversa com a diretora, após seu consentimento para a realização da pesquisa, combinamos o cronograma das atividades, com possibilidade de alterações que se fizessem necessárias ao longo do período.

Após esse encontro, apresentei-me, bem como a minha pesquisa, para os professores, funcionários e alunos, explicando-lhes o objetivo e o procedimento de meu trabalho, para contextualizar minha inserção na escola.

A fim de convidar os alunos para participar da pesquisa, tal apresentação envolveu o processo de entrada nas quatro salas de oitava série, com exposição da estrutura do trabalho de campo. Assim, os jovens interessados preencheram uma ficha de inscrição e os participantes foram sorteados com base nos seguintes critérios: deveriam ser selecionados quatro moças e quatro rapazes, buscando-se abarcar o maior número de salas de oitava série e a faixa etária deveria ser de 14 a 16 anos, procurando-se contemplar essas três idades.

Algumas considerações a respeito desse processo de apresentação da pesquisa aos educadores, funcionários e alunos devem ser destacadas. Na exposição da pesquisa para os professores (realizada na sala de reunião, durante o horário de intervalo), alguns criticaram a postura de pesquisadores que, ao entrar em contato com o contexto escolar, além de redigir trabalhos em que desqualificam os educadores, não retornam a campo com o texto elaborado.⁴⁹ Esse fato endossa a relevância de não se instituir um caráter ofensivo ou depreciativo na pesquisa, bem como de se realizar uma leitura, junto com os participantes, do texto redigido ao final do processo, além de buscar que a pesquisa ofereça contribuições para a instituição em que se efetivou o trabalho de campo.

48. A primeira pessoa a me receber foi a coordenadora pedagógica, que me conduziu, posteriormente, para conversar com a diretora.

49. Conforme os professores afirmaram: “essas pessoas vêm aqui e depois só ‘metem o pau’ na gente, enfiam o que escreveram na prateleira e dão as costas”.

A apresentação da pesquisa para os funcionários (inspetores de alunos) foi solicitada por estes, os quais, ao longo de todo o trabalho de campo, foram muito solícitos, propiciando grande auxílio, sempre que necessário.

A mesma conduta foi adotada com os jovens alunos, que enfatizaram a importância e a necessidade de serem ouvidos, bem como de se romper com estereótipos relativos aos adolescentes, demonstrando interesse pelo tema da pesquisa. Ao longo desse processo, tomou-se necessário desmistificar o trabalho do psicólogo, frequentemente atrelado a uma concepção vigente que associa esse profissional à atuação clínica. Ou seja, diante da minha apresentação como psicóloga e da contextualização deste trabalho como uma pesquisa na área de Psicologia Escolar, muitos alunos manifestaram a ideia de que os encontros em grupo (apontados a seguir) propostos como procedimento do trabalho de campo teriam um caráter de "terapia" – e que isso seria "coisa de louco", conforme afirmaram.⁵⁰ Assim, foi preciso romper com tal concepção e delimitar o papel desses encontros no contexto da pesquisa; depois de tais esclarecimentos, um maior número de alunos inscreveu-se (um total de 32 inscrições).

Após a seleção dos participantes, conversei com os adolescentes a fim de reafirmar seu interesse em fazer parte da pesquisa, além de reiterar o seu procedimento (bem como a questão do sigilo implicado nesse processo)⁵¹, confirmar a possibilidade de estarem presentes nos dias e horários combinados e entregar a carta de autorização a ser assinada pelos pais ou responsáveis. Então, foi colocado em prática o procedimento de pesquisa, que será detalhado a seguir.

Procedimento da pesquisa

Encontros em grupo com os jovens alunos

A realização dos encontros em grupo com os alunos foi inspirada na proposta de "grupo focal", que, segundo Cruz Neto, Moreira e Sucena (2001, pp. 163-4), consiste em uma técnica de pesquisa na qual se reúne

50. Uma aluna argumentou que iria se inscrever, pois estaria precisando de um trabalho terapêutico.

51. Aspecto apontado aos alunos anteriormente, durante a apresentação em sala de aula.

um determinado número de pessoas que fazem parte do público-alvo em questão, com objetivo de coletar, a partir do diálogo e do debate com e entre eles [membros do grupo], informações acerca de um tema específico.

De acordo com esses autores, a técnica de grupos focais permite que os participantes apresentem, de modo simultâneo, suas concepções e conceitos (convergentes e/ou divergentes entre si) sobre determinado tema, o que favorece a discussão entre o grupo. Promove-se, portanto, uma fala em debate: A fala que é trabalhada nos grupos focais não é meramente descritiva ou expositiva; ela é uma "fala em debate", pois todos os pontos de vista expressos devem ser discutidos pelos participantes (p. 164).

Dessa maneira, os autores afirmam que o número de integrantes de um grupo focal deve ser pequeno o suficiente para que todos tenham a oportunidade de expor suas ideias e grande o bastante para que os participantes possam vir a fornecer consistente diversidade de opiniões (p. 171), o que os leva a considerar como número mínimo, quatro e, máximo, doze. Além disso, o tempo de duração do debate deve oscilar entre uma e duas horas.

A técnica de grupos focais envolve, ainda, a participação de um "mediador" e de um "observador". Segundo os autores, o mediador executa a função central, pois é responsável pela condução e conclusão dos debates, bem como pela motivação dos participantes, interagindo com estes. Ao observador cabe a execução da análise e da avaliação do processo e ele pode exercer, ainda, as funções de relator (anotando as falas, nomeando-as e atentando para a linguagem não verbal dos participantes) e de "operador de gravação" – manejando o equipamento utilizado para o registro dos debates.

Por fim, os autores enfatizam que, para a realização do grupo focal, deve-se elaborar um "roteiro de debate", com questões referentes a tópicos centrais a serem discutidos, a fim de se propiciar o levantamento de informações relevantes para a pesquisa.

Em relação à trajetória desse procedimento de pesquisa, deve-se destacar que, a princípio, seriam efetuados quatro encontros de discussão com os alunos, visando-se proporcionar um ambiente de debate entre os jovens sobre a experiência escolar na adolescência. Porém, ao longo dos encontros, os alunos manifestaram interesse em elaborar um documento com as propostas de um partido político fictício ("PAN – Partido dos Adolescentes da Nação") criado pelos próprios participantes durante o processo de discussão em grupo.

Dadas a relevância de tal iniciativa dos alunos (com propostas referentes, inclusive, à Educação), sua adequação ao tema⁵² e a possibilidade de enriquecimento do material de pesquisa, foram promovidos dois “encontros extras” a fim de se efetivar a elaboração desse documento; no primeiro, os alunos iniciaram a redação de tais propostas, finalizando-a no segundo. Neste último, os jovens acrescentaram ao texto redigido no primeiro encontro extra propostas elaboradas individualmente (em suas casas) e que foram selecionadas pelo grupo, em regime de votação.⁵³

Desse modo, foram realizados seis encontros em grupo com os alunos: quatro para discussão do tema e dois para elaboração o documento. Ao longo dos encontros de discussão, foram debatidas questões referentes à experiência de ser aluno adolescente, à relação entre os jovens estudantes e os demais personagens envolvidos no contexto educacional e à vivência do dia a dia escolar na oitava série. Além disso, no último encontro, foram discutidas ideias a respeito das letras de duas músicas sugeridas pelos alunos, cujo tema se refere à questão da adolescência e foi feita uma associação entre esse fenômeno e o processo de escolarização.

Esses encontros ocorreram na sala de vídeo da escola, fora do horário de aula⁵⁴, com uma hora e meia de duração e foram registrados por meio de um gravador, contando-se com a colaboração de uma auxiliar de pesquisa, que desempenhou a atividade de “relatora” – tal como foi apontado anteriormente, segundo Cruz Neto, Moreira e Sucena.⁵⁵ Sua função consistiu em relatar trechos do diálogo dos alunos, nomeando-os (a fim de facilitar sua identificação durante a transcrição), além de operar o gravador e auxiliar a transcrever o material dos debates. Outra contribuição da auxiliar de pesquisa, que se configurou como aspecto de grande relevância, está relacionada às discussões realizadas sobre os aspectos emergentes no grupo.⁵⁶

52. Um dos eixos da análise (Capítulo 4) refere-se a “críticas e propostas relativas à educação”.

53. O documento final está anexo (p. 143).

54. Logo após o término da última aula.

55. Trata-se da participação de Alice Torqueto Soares, que, em 2004, cursava a graduação em Psicologia.

56. Após cada encontro, esta compartilhava comigo as impressões obtidas ao longo do encontro, auxiliando a constatação de importantes elementos presentes nesse processo.

Deve-se, ainda, ressaltar o fato de que, ao longo dos encontros, os alunos demonstraram grande interesse em discutir os temas abordados, expressando avidamente suas opiniões, com empenho e concentração. Inclusive, manifestaram o desejo de realizar mais reuniões, a fim de prosseguir a discussão, chegando a apontar a necessidade de um espaço para esse tipo de diálogo (ou escuta e comunicação) no contexto escolar.

É importante destacar que, durante as discussões realizadas nesses encontros, os adolescentes apresentaram opiniões convergentes e divergentes acerca dos temas em questão, de modo que se fez necessário o aprofundamento de suas argumentações, bem como mudanças nas concepções iniciais levantadas pelos alunos. Além disso, foram elaboradas ideias coletivamente (como a proposta e redação do documento referente ao “PAN”)⁵⁷ e, ao longo desse processo, evidenciaram-se sentimentos e contradições presentes nos discursos dos alunos. Tais aspectos elucidam, portanto, a pertinência da utilização desse procedimento como meio de propiciar a expressão dos participantes sobre o tema da pesquisa.

Entrevistas individuais com os alunos

Após a finalização dos encontros de discussão com os alunos, foi realizada uma entrevista semidirigida (ou “semi-estruturada” Queiroz, 1983) com cada adolescente, para que os jovens pudessem acrescentar individualmente considerações concernentes ao que foi debatido em grupo, incluindo aspectos referentes aos assuntos que mais lhe despertaram interesse, assim como os que não foram discutidos, mas que os alunos julgassem relevantes.

Como meio de elaborar o roteiro de entrevista com os alunos, foram ouvidas as gravações dos encontros em grupo, elencando-se alguns pontos centrais a serem abordados com maior profundidade. Atentou-se, inclusive, para aspectos apontados por cada aluno ao longo dos encontros, selecionando-se temas específicos a serem desenvolvidos por cada participante.

57. Conforme foi apontado anteriormente.

Entrevistas individuais com educadores

Conforme se mencionou no início deste capítulo, no período em que foi realizado o trabalho de campo, o objetivo da pesquisa era mais amplo e envolvia a participação de alunos e educadores. Assim, foram realizadas entrevistas semidirigidas individuais com a diretora, a coordenadora e quatro professores da oitava série da escola em questão, visando-se investigar suas concepções acerca do fenômeno da adolescência, bem como aspectos referentes à relação entre tais profissionais e os jovens estudantes. Esses educadores foram selecionados de acordo com a recorrência com que foram mencionados no discurso dos adolescentes; ou seja, entrevistaram-se os quatro professores mais referenciados (os dois mais valorizados e os dois mais criticados) pelos alunos, bem como a coordenadora e a diretora, a quem aqueles fizeram alusão em distintos momentos.

Embora o objetivo e o foco da pesquisa tenham sido redefinidos, alguns elementos apontados pelos educadores em tais entrevistas foram destacados ao se realizar a análise referente ao discurso dos alunos, em razão de contribuições oferecidas para a elucidação de questões apresentadas pelos adolescentes.

Enfim, deve-se ressaltar que as entrevistas foram registradas por meio da técnica do gravador (conforme Queiroz, 1983), com exceção de uma, em que o professor não consentiu a utilização do aparelho, por isso foi realizado o registro por escrito durante o seu discurso. Após a transcrição (foram preservados as falas literais, erros gramaticais e gírias dos entrevistados), as entrevistas foram devolvidas aos participantes, a fim de que pudessem fazer as alterações que julgassem necessárias, complementando ou excluindo termos ou trechos da entrevista transcrita.

No período em que se finalizava o processo de redação da dissertação, os adolescentes e os educadores entrevistados foram contatados e houve um retorno da pesquisadora à escola para apresentação da pesquisa ao grupo de alunos participantes e ao de educadores. Além disso, combinou-se uma posterior visita à escola para a exposição deste trabalho aos demais participantes do contexto escolar.

Análise

O material obtido ao longo desse processo foi analisado com base na proposta de André (1983, p. 66-71), referente à "análise de prosa", que consiste em uma forma de investigação do significado dos dados qualitativos e possibilita a obtenção de uma visão profunda e multidimensional dos fenômenos, levantando-se questões a respeito do conteúdo do material, de modo que se incluam mensagens explícitas ou implícitas presentes no conteúdo do material coletado. Assim, ao levantar tais questões, atentou-se para as mensagens e significações de seu conteúdo e para o contexto dos dados, bem como para o quadro teórico em que se situa o fenômeno estudado, retomando-se os objetivos da pesquisa e as questões centrais que norteiam este trabalho.

Deve-se, ainda, ressaltar que, ao longo do desenvolvimento da pesquisa, tópicos e temas [foram] gerados com base no exame dos dados e de sua contextualização no estudo. Esses temas foram frequentemente revistos e reformulados, com o apoio de princípios teóricos e pressupostos da investigação realizada (André, 1983, p. 67).

No próximo capítulo, será realizada a análise do material obtido por meio dos encontros em grupo e entrevistas individuais com os jovens alunos.